

# 5º Congresso Rio de Educação - 2007

## Palestra - Atitudes Vencedoras - A Educação na Era do Empreendedorismo

Palestrante: Carlos Hilsdorf

É um imenso prazer estar com vocês para tratar de um assunto tão nobre, e trazer uma pequena contribuição de uma visão muito utilizada no mundo corporativo - para onde irão muitos de nossos alunos, seja emprestando seu talento para grandes organizações, pequenas e médias empresas, seja criando suas próprias empresas.

Quando eu estava vindo para o Congresso, deparei-me com uma questão muito importante: pediram para que eu revelasse, neste nosso encontro, cinco grandes segredos. Esta é uma era de muito modismo em relação à questão do segredo - há até um *best-seller* mundial, justamente intitulado “O Segredo” -, e já se dizia há muito tempo na Filosofia que não há segredo algum, mas coisas pouco pensadas, pouco refletidas e, às vezes, pouco divulgadas - que quando são tornadas públicas parecem um segredo, pois ficaram tanto tempo fora do debate. Não seria didático revelar esses supostos segredos agora, mas prometo que os divulgarei até o final de nossa apresentação.

De início, proponho um breve exercício sobre como olhamos as coisas. Olhamos a vida de maneira exata ou inexata? Emprestemos alguns conceitos da matemática, considerada uma ciência exata, menos por Albert Einstein, que a considerava uma ciência inexata, para ilustrar essa visão. Da geometria, por exemplo, tomemos o círculo: vários círculos colocados lado a lado configuram um cilindro, cuja característica é ser um corpo roliço e alongado com o mesmo diâmetro em todo o seu comprimento. As propriedades dessas figuras são modificadas por sua dimensão, isto é, se uma tem diâmetro menor do que a outra então está contida naquela. Conter, contido, diâmetro, cilindro, círculo, etc, são conceitos do universo da matemática. Mas no mundo real as pessoas que vencem não são aquelas que conhecem os conceitos, e sim as que fazem com eles o que ninguém mais faz.

Eu vinha ouvindo, no avião, uma seleção de músicas dos Beatles no meu *iPod* - essa importante contribuição da tecnologia, que nos permite levar nossa discoteca aonde formos - e me lembrei de algo dito certa vez por Paul McCartney - injustamente muito menos valorizado do que John Lennon, à semelhança do que acontece no Brasil com o Erasmo Carlos em relação ao Roberto Carlos. McCartney afirmou: “Acredito na mágica de você ser um espermatozóide de sucesso entre milhões de concorrentes”. Essa é uma frase muito interessante, pois mostra que a história da vida começa com uma vitória. De fato, todas as sociedades, desde as consideradas mais primitivas até aquelas ditas mais modernas, têm por hábito comemorar suas vitórias. Só que se esquece que quando comemoramos uma vitória estamos festejando o passado. Toda vitória é fruto de um trabalho anteriormente realizado. Portanto, o grande desafio de gestores e gestoras não é comemorar no presente as suas vitórias passadas, mas escrever a melhor versão possível do futuro. Esse é o nosso grande desafio. Não apenas escrever o futuro, mas escrever a *melhor* versão possível e imaginável do futuro - missão, aliás, muito nobre e difícil, que requererá uma visão interdisciplinar, emprestando de cada ciência os elementos mais efetivos para que obtenhamos esse resultado.

Todos nós, com nossas atitudes, estamos escrevendo o futuro. O resultado que buscamos não depende apenas do talento, mas também de se otimizarem as oportunidades e, fundamentalmente, de muita atitude. Sobretudo a *atitude vencedora*. Existem, basicamente, dois tipos de atitude: a atitude vencedora

e a atitude limitadora. A atitude vencedora é a escolha que se faz, diante de uma dificuldade, que torna a pessoa qualitativamente melhor. Se a escolha que se faz diante dessa mesma dificuldade não nos torna melhores, ou nos faz regredir, denominamos de atitude limitadora. Essas são decorrências da visão aristotélica do processo de tomada de atitude, que ficarão mais claras à medida que avancemos na nossa conversa.

Assim como sempre aconteceu com a medicina, no campo da educação tivemos, durante muito tempo, preconceitos para falar das questões “business” de nossa atividade. Parecia que estávamos transformando em mercadoria o fruto do processo de educação, algo impensável. Porém, estamos vivendo um momento de conscientização bastante claro, nas empresas e na sociedade, que percebe esse preconceito como absolutamente desnecessário. É preciso que observemos os aspectos fundamentais, essenciais, filosóficos da educação, mas também seus aspectos “business”. Da mesma forma que no mundo corporativo, nas organizações empresariais, houve uma série de alterações da maneira de se encarar o setor de recursos humanos: de uma postura mais “missionária”- preocupada com os seres humanos, com os valores humanos, mas que não eram ouvidos nas organizações, pois estas estavam preocupadas com sua reprodução, seu crescimento contínuo e sustentabilidade, à revelia dos seres humanos e de seus sonhos e necessidades -, passou-se a uma mentalidade empresarial calcada no princípio de que “o que é bom para as pessoas é bom para o negócio”. Esse era o óbvio que não se percebia.

À medida que o mundo corporativo compreendeu isso, a área de recursos humanos começou a ser mais ouvida e sua postura passou a ter perfil mais “business”, enquanto que a postura empresarial adquiriu feições mais humanas. Estamos, então, diante de um novo perfil empresarial, que se preocupa com questões antes desconsideradas, pois compreendeu a importância do sincronismo entre a filosofia, a essência, e a prática - entre o empírico, o pragmático, e aquilo que é ontológico e teleológico. Uma organização é um grupo de talentos com um sonho coletivo. Porém, não basta ter um sonho coletivo se cada um dos sonhos individuais das pessoas que compõem essa organização não forem atendidos.

Na condição de consultor de “business”, e como vivo em contato direto com o mundo corporativo, as pessoas me perguntam como se faz, empresarialmente, para se multiplicarem as condições de investimento, e de que maneira fazer com esse “pay back” (restituição) ocorra no menor tempo possível e com o maior número de resultados - não apenas os financeiros, mas uma série de outros resultados que são fundamentais para a organização. Uma organização pode estar saudável do ponto de vista financeiro e ainda assim estar caminhando para o fim. A razão do sucesso financeiro depende da percepção, por parte do mercado, de uma série de questões institucionais que são fundamentais para a manutenção e a sustentabilidade daqueles resultados financeiros.

O verdadeiro capital para a transformação da sociedade e de sua empresa não é o capital financeiro, e sim, fundamentalmente, o tempo e a maneira, a atitude, como as pessoas utilizam o tempo. A expressão “administrar o tempo”, muito ouvida, é incoerente. Ninguém administra o tempo - ele é inexorável, passa. O que se administra são os processos, as pessoas, dentro do tempo. No fundo, estaremos sempre administrando pessoas e processos. Isso me fez lembrar de uma passagem de Santo Agostinho em que afirma: “Se não me perguntarem o que é o tempo eu saberei responder, mas, no exato momento em que me perguntarem, já não saberei mais”. Esse pensamento nos dá a exata noção da relatividade do conceito de tempo.

Todos nós, gestores, temos de cuidar da saúde financeira do nosso negócio. Não se trata de uma preocupação exclusivamente material, mas existencial e, até mesmo, de dimensões espirituais. Sempre que se fala de lucro, de se materializarem resultados, fica a sensação de que se está materializando ao extremo coisas que em si não são materiais. Isso não corresponde à verdade. A palavra **negócio** tem sua origem na expressão “negar o ócio” - não o ócio criativo descrito pelo sociólogo italiano Domenico DeMasi, mas o ócio improdutivo, ao qual a maioria das pessoas se entrega por conformismo ao longo de suas vidas, pois, em algum momento, entram numa zona de conforto e passam a não produzir tudo aquilo que poderiam fazê-lo. Portanto, **negócio** significa, literalmente, “negar o ócio” que não é

produtivo, ou seja, entrar em ação. E isso tem dimensões e características que transcendem o material. Eis um exemplo: há dois mil anos, um menino se perdeu de sua família e foi encontrado, pouco depois, por sua mãe dando uma aula a supostos professores de teologia. Ao ser perguntado o que fazia ali, ele respondeu: “Estou cuidando dos negócios de meu Pai”. Vejam como é interessante encontrarmos esse preceito na gênese do cristianismo. Negócio não tem nenhum sentido pejorativo. Ao contrário, significa uma atitude proativa diante da dificuldade para transformá-la em oportunidade, para que a causa nobre que deu origem ao negócio possa se manifestar. A abertura de um negócio deve ter uma missão, uma causa, para que de fato exista.

Em vista disso, percebemos que muitas escolas encontram-se em situações difíceis e outras enfrentam condições de não sustentabilidade no médio e longo prazos. Isso ocorre porque seus diretores se esquecem de características fundamentais da arte da gestão. Por exemplo: vivemos um tempo em que todas as empresas, as escolas estão neste contexto, procuram cortar custos, porque não se administra mais, com precisão, o quanto seus clientes pagarão por aquilo que você tem para disponibilizar no mercado. O número de competidores cresceu a tal ponto, que os clientes têm, hoje, um poder muito maior de influenciar o preço de todo e qualquer produto e serviço. Então, se você tem que ofertar um preço competitivo ao mercado, e você não pode colocar a margem de lucro que você considera ideal para seu negócio prosperar, você tem de mexer na outra ponta, isto é, nos custos, para continuar sendo competitivo. Só que nesse processo de corte de custos empresas se distraem e cortam apenas os custos tangíveis. Ou seja, procuram os custos nas suas planilhas, no “excel”. Mas os grandes custos de um negócio não estão no “excel”.

Quem, por exemplo, calcula o custo da lentidão de decidir? Esse é um custo gravíssimo para o negócio e não se encontra em nenhuma planilha, pois a função de um administrador é criar o futuro. Mas se não se tomam, no presente, as decisões necessárias, adia-se o que pode ser a melhor versão do futuro, que é a condição de competitividade e existência de seu negócio. Trata-se do “custo invisível”. Quem está calculando o custo da ausência de significado entre todos os funcionários que compõem a escola? O psicanalista austríaco Viktor Frankel, o quarto mais importante da chamada Escola Vienense, que inventou uma ciência chamada **Logoterapia**, escreveu, ao sair de um campo de concentração nazista, um livro fantástico intitulado “Em Busca de Sentido”, em que deixa claro que o grande mal que afeta em profundidade o ser humano é a falta de compreensão do sentido de sua vida. Se o ser humano não entende o sentido e o significado de sua vida, sua psique adocece, e ele passa a ser improdutivo, intolerante e desenvolve uma série de sintomas de doenças psicológicas.

Se observarmos o mundo das escolas e das empresas, perceberemos que nem todos os funcionários trabalham conscientes do sentido e do significado do que fazem. Muitos trabalham apenas pela sobrevivência, o que significa estar num estágio de auto-realização muito baixo. Quando, verdadeiramente, tem-se um compromisso que vira comprometimento numa empresa? Quando um funcionário, compreendendo a sua missão pessoal, transforma seu sonho individual em um paralelo com o sonho empresarial da empresa a que se dedica, ou seja, ele empresta seu sonho individual para o sonho coletivo da empresa. Isso acontece mesmo com os professores, que têm consciência do significado existencial, social, antropológico, psicológico, da dimensão de seu trabalho.

Certa vez, Madre Tereza de Calcutá concedia entrevista à emissora britânica BBC e foi indagada se o que fazia não era muito pouco, uma gota no oceano, diante da miséria do mundo. Com a característica das pessoas que sabem muito bem o que fazem e que têm paz interior, ela olhou para sua interlocutora, deu um sorriso de compreensão e disse: “Eu não acho, eu tenho certeza! O que faço é uma gota d’água no oceano, mas o oceano seria menor sem essa gota”. Portanto, é muito importante percebermos que, às vezes, por menor que pareça a interação de alguém no conjunto da educação pode alterar o resultado almejado, porque tudo o que é grande é feito de pequenas coisas. As pequenas coisas das quais não nos ocupamos impedem que façamos as grandes coisas que desejamos. Então, como normalmente não dispomos das condições ideais para a educação no Brasil, acabamos por não fazer tudo o que podemos, porque perdemos tempo reclamando das condições que não temos, em vez de transformar aquele pouco

no melhor resultado *possível*.

O custo invisível do que chamo de “não empreendedorismo” é sempre elevado. O verbo “empreender” deriva do termo latino *imprendere*, que significa “fazer o que é difícil”. Todas as vezes que recuamos diante do difícil, agimos de maneira não empreendedora. O que caracteriza o empreendedorismo é fazer o difícil. O empreendedor é aquele que continua quando todos desistem; aquele que persiste quando todos cansam; aquele que vai onde os outros nem imaginam ir. Dessa maneira, é importante que se eliminem os custos, mas não apenas os visíveis e tangíveis, mas especialmente os custos *invisíveis* e *intangíveis* que não aparecem nas planilhas de **excel**.

Um bom exemplo de custo invisível muito grande é a não percepção daquilo o que um cliente observa a respeito de tudo o que se faz na escola. Se uma escola passa por reforma e se expandem o número de prédios, é muito mais fácil os pais imaginarem que o negócio da educação está dando lucro do que perceberem que o fruto de seu investimento está revertendo aos seus filhos em termos de melhoria da qualidade de ensino oferecida. Num país que apresenta inúmeros exemplos de falta de ética, não é difícil as pessoas interpretarem equivocadamente o que é ético como se não fosse. Portanto, os custos de não se trabalhar o marketing institucional de uma escola são muito grandes. É essencial que os pais compreendam o que está sendo feito em favor dos filhos que estão na escola. Não se dá valor àquilo que não se percebe.

Outro custo muito pesado é investir na concorrência. Sempre que se deixa de fazer tudo aquilo o que se deve pelo seu negócio, está-se investindo na concorrência. A concorrência aprende com os seus acertos, copiando o que você fez bem, e com os seus erros, melhorando o que você não obteve êxito. O grande desafio dos mantenedores de escolas particulares, hoje, é aprender mais rápido do que a concorrência. O paternalismo constitui outro problema em sociedades latinas como a nossa. Enquanto persistir o paternalismo, que é ruim em todos os aspectos, nossas escolas estarão perdendo em competitividade. A postura paternal impede que os alunos vivenciem e transcendam os conflitos, criando, artificialmente, uma espécie de zona de conforto que se manterá pelo maior tempo possível. Excesso de amor também prejudica, e quantos exemplos conhecemos de casos de pais e mães que erram porque, possessivos, tentam evitar as dores dos filhos. As dores fazem parte do processo de aprimoramento. Há casos de pais que impedem seus filhos de interagirem com jovens de cor, religião e até opção sexual diferentes da sua, gerando uma futura inadequação ao convívio plural no mundo corporativo.

Faz-se necessário, também, que os gestores tenham muito cuidado com os números e cifras de seu negócio. Estatísticas, probabilidades e cálculos podem constituir um elemento muito enganoso no mundo dos negócios se não forem bem interpretados. Por exemplo: se eu como bem e uma segunda pessoa passa fome, na média, estamos os dois bem alimentados. Da mesma forma, não se devem pagar os melhores profissionais na média de salários do mercado. A lei número um do empresário de sucesso é: pague extremamente bem quem mais te ajuda a alcançar resultados. Do contrário, qualquer concorrente pode oferecer a média de mercado ou um pouco mais e contratar esse profissional de desempenho superior. Os melhores devem ganhar melhor. Trata-se de uma questão de mérito.

No mundo da administração não basta crescer quantitativamente, mas também qualitativamente. O que garantirá a sustentabilidade de sua escola será o qualitativo, não o quantitativo. Há outros resultados que precisam ser considerados além do desempenho econômico: os relativos aos clientes, ao mercado, aos institucionais, aos talentos humanos, à sociedade, aos processos e à sustentabilidade. Tudo isso é fundamental para que a escola continue a existir e cumpra a sua magna missão de ser a melhor escola possível. Estamos pensando na escola como professores ou como empresários da educação? Isso faz muita diferença, pois se não agregarmos à visão de professores aquela necessária mentalidade “business”, corremos o risco de vermos nossos sonhos não se realizarem como gostaríamos. É preciso exercitar múltiplas maneiras interdisciplinares holísticas de olhar a missão do negócio e a própria educação.

Como vai o futuro do seu negócio? Se eu perguntar sobre o presente todos saberão responder. Mas a

função de um administrador não é cuidar do presente - isso fica a cargo do gerente do negócio. Para onde estamos indo e em que lugar desejamos chegar? Para saber se o seu negócio está alinhado com a melhor versão possível de futuro verifique se segue as seguintes práticas: 1) profissionalização da gestão em todos os níveis; 2) utilização das novas tecnologias sem desumanizar as relações entre as pessoas (“high tech” x “high touch”); 3) eliminar os anacronismos e adotar práticas modernas, adequadas ao novo público; 4) adotar a meritocracia como padrão de reconhecimento por resultados profissionais; 5) incentivar a liderança efetiva, com o fim de eliminar “feudos” e formar equipes multidisciplinares para a avaliação das práticas administrativas; 6) implantação de grupo de resolução de problemas e melhoria contínua, visando atingir a qualidade total; 7) administração “preditiva”, com vistas a antecipar as tendências do negócio.

Estamos diante um novo modelo social e a educação tem de formar empreendedores, pois os jovens enfrentarão o desafio de encontrar seu lugar no mercado e na vida. É fundamental que as disciplinas contemplem aspectos pragmáticos para satisfazer essa realidade. Vivemos, assim, a “era da convergência”, isto é, muitas coisas agregadas em uma só, de acordo com o novo conceito de marketing. Nesse novo cenário, o papel da escola passa a ser mais complexo, e as pessoas, por uma postura natural do mercado, esperam cada vez mais da escola - aquilo que ela pode e até o que não pode fazer. Essa é, também, uma era da percepção; da fidelização dos clientes; da volatilidade das competências; das famílias em forma de mosaico; da sensibilidade e do prazer; da abundância de crédito; da “adolescência” (dos “adolescentes” de 30 anos que não querem deixar a casa dos pais); dos “neokids”, um novo estilo de criança; da “women fever” (a febre das mulheres), quando as mulheres conquistam seu devido lugar na história da humanidade.

Cito três importantes atitudes com vistas a fazer frente ao enorme desafio de aperfeiçoar nosso negócio: abandonar o que não nos serve mais; manter por mais tempo o que está dando certo para continuar a dar resultados; e adquirir tudo aquilo que falta para se atingir ao melhor modelo de futuro possível para a nossa organização. Mas lembre-se: na vida você não encontra o que procura, apenas o que está preparado para encontrar. Portanto, é preciso preparo contínuo. A missão nobre da educação é preparar para a vida, e, se a vida mudou muito desde que nossos modelos pedagógicos foram desenvolvidos, precisamos fazer um “upgrade” na educação, para resgatar o prazer de ensinar e aprender. Por exemplo, duas novas tendências metodológicas revolucionárias no exterior são a educação “just in time” e a “edutainment” (contração das palavras “education” e “entertainment”): a primeira se encarrega de ensinar o que é necessário para a vida prática e, no momento oportuno, fornece o complemento de conhecimento para a formação profissional; a segunda diz respeito à introdução do lúdico no processo cognitivo, para a melhor retenção da mensagem transmitida.

Precisamos rever nossos conceitos, voltar a aprender com os nossos alunos e cultivar neles características empreendedoras: a disciplina, a capacidade de síntese, a resiliência, a criatividade inovadora, a conciliação, a postura ética e a vitória interior.

## **Palestra: Preparando os Jovens para a Vida**

### **Palestrante: Carlos Feijó**

Segundo a UNESCO, os eixos da educação no século XXI serão: aprender a aprender; aprender a fazer; aprender a conviver juntos; e aprender a ser. Nesta palestra tratarei dos dois últimos pontos: aprender a conviver juntos e aprender a ser. Vamos sair do âmbito da educação pedagógica para abordar alguns aspectos da questão da educação social dos alunos. Há uma série de fenômenos ocorrendo nos nossos dias que merecem uma reflexão mais detalhada dos educadores. Cada vez mais, as salas de aula estão cheias de alunos mal-educados, e os professores se deparam com o grande dilema de lidarem com jovens despejados na escola por suas famílias, que, por sua vez, alegam não ter tempo para educar seus filhos e exigem que a escola o faça. O que constatamos, entretanto, é que os professores não estão preparados para isso. Nós, educadores, já encontramos dificuldades para acompanhar o processo de atualização e especialização dos métodos pedagógicos, quanto mais estarmos preparados para dar conta dessa questão da educação social.

Outro fenômeno recente que contribuiu para esse quadro, ocorrido há cerca de duas gerações, foi a libertação da mulher do papel exclusivo de dona de casa e seu ingresso no mercado de trabalho. Nos grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo, é menos comum as crianças serem educadas pela figura da mãe que ficava em casa, enquanto o marido trabalhava, e transmitia os valores socioculturais, além de cumprir as tarefas domésticas. Hoje, muitas crianças são educadas por terceiros (babás, empregadas, vizinhos, irmãos mais velhos, etc), pois, em muitos casos, seus pais saem para trabalhar muito cedo e voltam para casa quando elas já estão dormindo.

Uma pesquisa realizada pelo INEP em 2006, em parceria com a UNESCO, aponta que as principais dificuldades dos professores em sala de aula são: manter a disciplina (22%), motivar os alunos (21%), fazer avaliações (19%), manter-se atualizado (16%), escolher a metodologia (10%). Observemos que os dois itens mais citados (que totalizam 43%) demonstram que os professores despendem um índice muito elevado de sua energia para assegurar a disciplina em sala de aula. Se nós pudéssemos diminuir esse quadro, estaríamos voltando nossas energias para a tarefa mais nobre da educação institucional. Ainda mais preocupantes são os dados de uma outra pesquisa realizada, também em 2006, em escolas públicas de 14 capitais brasileiras mostrando que 47% dos professores já foram xingados e 11% agredidos em sala de aula. Esse fenômeno assustador deu origem a um processo também preocupante: o professor está abrindo mão de sua atribuição como educador para se limitar a dar matérias.

Mas o problema da indisciplina e da violência não pode ser generalizado, existe em algumas escolas e em algumas salas de aula. É preciso que os professores avaliem sua relação com o grupo de alunos com o qual lidam. Conheci casos em que dois diferentes professores, trabalhando com a mesma turma, obtiveram resultados inteiramente díspares com os alunos: aquele que interagiu com o grupo de maneira aberta e compreensiva ganhara o afeto dos alunos, enquanto que o outro agia de forma ríspida, grosseira e antipática, sendo hostilizado. Proponho, então, uma reflexão, calcada em conceitos da psicologia, a respeito de como somos e de como são nossos alunos. Meditemos sobre a seguinte afirmação de Carl Jung, o famoso psicanalista suíço: “Só quando sofremos o choque de nos vermos como realmente somos, e não como gostaríamos ou esperançosamente presumimos ser, é que poderemos dar o primeiro passo na direção à realidade individual”.

Por que somos como somos? A personalidade humana, formada essencialmente entre a gestação e o quinto ano de vida, é constituída por dois pólos distintos: o temperamento (fruto da carga biológica individual) e o caráter (resultado da experiência e do aprendizado). No que se refere ao temperamento, a tendência é que nos enquadremos nas seguintes características: seremos mais tímidos, ou mais ousados, ou mais otimistas, ou mais melancólicos. Essa é, inclusive, a única explicação encontrada pela ciência para definir casos de irmãos gêmeos, por exemplo, que apresentem características de comportamento muito diferentes. Nós, educadores, precisamos compreender isso. Não há como fazer com que uma classe seja uníssona, tenha o mesmo comportamento. Após constituída a personalidade, as pessoas apresentarão tendências a serem do tipo A (mais rígidas, perfeccionistas, competitivas, tensas,

agressivas) ou do tipo B (flexíveis, não competitivas, não críticas, não exigentes, menos estressadas).

Vamos, agora, tentar compreender as origens do comportamento anti-social - e aqui me refiro a um tipo intermediário, mais relacionado à indisciplina e à agressão verbal. Um claro fator gerador de conduta hostil é a agressão contra crianças. Quando são humilhados, excluídos e apanham, os jovens apresentam forte tendência a desenvolver comportamento anti-social. A rejeição de uma criança constitui outro fator que gera agressividade. A ausência dos pais desperta a revolta e as leis de sobrevivência social fazem com que se manifeste, até por retaliação dos jovens, a violência. E essa violência não é exclusiva das populações mais carentes, de favelados. Conhecemos uma série de casos ocorridos nas classes mais elevadas.

A superproteção também gera comportamento anti-social. E, às vezes, em índices muito mais intenso do que a agressão e a rejeição. Os efeitos da superproteção são gravíssimos para o desenvolvimento de um filho. Superproteger é fazer pelo filho aquilo o que ele poderia e deveria fazer sozinho. Muitos pais assim se comportam por conta do sentimento de culpa por se sentirem ausentes da educação de seus filhos. Ocorre, entretanto, que o indivíduo superprotegido não desenvolve os mecanismos, as defesas para lidar com as frustrações. E as frustrações fazem parte da vida. Nós, educadores, testemunhamos, nas nossas escolas, os resultados negativos dessa prática. Muitos alunos pensam que podem tudo, que tudo é permitido, e temos a obrigação de mostrar que existem regras para serem cumpridas.

Faz-se necessário falar um pouco sobre coerção e coação. Desde a natureza até os sistemas de códigos jurídicos de diversas sociedades, vivemos sob um conjunto de restrições e coerções que limitam nossas ações. A escola não é exceção: trata-se de um ambiente extremamente coercitivo. O atraso, a inadequação do vestuário, o excesso de faltas, o desempenho escolar deficiente - tudo isso é passível de punição. São regras coercitivas instituídas para fazer com que as pessoas cumpram o estabelecido. Mas o indivíduo que só se movimenta porque é ameaçado tem a tendência a desenvolver mecanismos de defesa, como a fuga e a esquivas. Se esse indivíduo não puder nem fugir nem se esquivar, desenvolverá o que chamamos de “contracontrole”, que significa retaliação e violência. Outra forma muito habitual de coerção é a chamada “profecia auto-realizadora”, isto é, o professor inculca as deficiências e limitações dos alunos, gerando uma expectativa antecipada de mau desempenho escolar. Se apenas sabemos fazer com que nosso aluno ou nosso filho se movimentem porque somos coercitivos com eles, isso demonstra nossa incompetência, pois só conhecemos esse repertório.

Existem outras formas de correção de comportamento sem que seja pela via da coerção. Eu gosto de citar dois pensadores para ilustrar esse ponto. O escritor e filósofo francês Jean Paul Sartre certa vez afirmou: “Não me importa o que fizeram de mim, o que me importa é o que vou fazer com o que fizeram de mim”. E o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss dizia: “Pare de olhar para trás. Você sabe onde esteve, precisa saber aonde vai.” Portanto, é inaceitável que os professores justifiquem seu comportamento agressivo, intolerante, árido e inflexível em sala de aula dizendo que foram objeto de práticas semelhantes, e que não podem mais mudar. O que importa é saber como se pode transformar esse comportamento.

Daqui por diante tratarei de apresentar algumas propostas de soluções para substituir a postura coercitiva dos professores, muito benéficas para o relacionamento em sala de aula. Como construir vínculos com os alunos? Apresento o conceito de “reforço positivo” - um método da psicologia do comportamento humano que substitui a coerção. A proposta da coerção tem como foco o comportamento indesejado e sua punição. Por sua vez, o “reforço positivo” objetiva o controle do comportamento indesejado e passar a reforçar comportamentos *desejados*. Cada vez que constituímos uma situação em que nosso aluno vá obter um ganho em função de um comportamento positivo que lhe é solicitado, estamos reforçando nossa relação com ele. Em contrapartida, cada vez que o ameaçamos, ele fugirá. A mudança de maneira como o professor se dirige ao aluno pode trazer resultados mágicos. Mas, para isso, é necessário romper com o paradigma que diz que as pessoas só se movimentam quando ameaçadas. Faça um exercício de memória e lembre-se de pessoas ou professores que te trataram bem e aquelas que te trataram mal. É claro que você adora as que te trataram bem e não gosta daquelas que

foram más.

Outra forma de facilitar o relacionamento com os alunos é desenvolver as suas *habilidades sociais*. Eis uma lista de práticas verbais muito eficazes: fazer e responder perguntas; solicitar mudança de comportamento; pedir e dar “feedback”; lidar com críticas; opinar, concordar, discordar, justificar, elogiar, recompensar, agradecer, fazer pedidos, recusar; uso do humor. Há muitos professores que sequer usam os termos de polidez “por favor”, “com licença” e “obrigado” com os alunos porque estão condicionados a fazê-lo. As práticas não verbais são todo o comportamento corporal que deverá estar sintonizado com nosso comportamento verbal. As pessoas interpretam em primeiro lugar aquilo o expressamos com o corpo. Há, ainda, os comportamentos *cognitivos-afetivos*, que dizem respeito à adequação do comportamento a cada ambiente social - e a maneira como as pessoas o julgam.

A comunicação e suas distorções são fatores importantes no relacionamento com os alunos. O esquema básico da comunicação é: emissor, conteúdo e receptor. As distorções se dão quando há desinteresse no conteúdo, falta de compreensão e inabilidade de comunicação. O professor não conseguirá transmitir conhecimento para o aluno se este não estiver interessado.

Quando trabalhamos valores sociais humanos desenvolvemos muitos vínculos com os alunos em sala de aula. É aconselhável às escolas praticarem o hábito de fazer com que os professores, em algum momento do ano, promovam dinâmica de grupo com o tema “valores”. Em recente trabalho de consultoria, estabeleci oito “valores”, para serem usados um a cada mês ao longo do ano letivo, com os quais obtive resultados excepcionais.

## **Palestra : Educação e Competitividade: o Brasil e os Novos Paradigmas Internacionais**

### **Palestrante: Marcos Prado Troyo**

Quando ingressei no curso de Ciências Sociais da Universidade de Campinas, o professor Marcos Nobre, da disciplina Filosofia, indicou o livro “A Estrutura das Revoluções Científicas”, de Thomas S. Kuhn, como aquele que seria o mais fundamental para os quatro anos letivos. Naquela altura, eu, como a maioria das pessoas, não sabia o que era um “paradigma”. E, basicamente, a hipótese sustentada por Kuhn nessa obra é de que o conhecimento humano sistematizado em forma de ciência avança através da mudança revolucionária de paradigmas. Mas o que é o paradigma? Paradigma é o conjunto de teorias, teses, noções, traços, características, etc, que diferencia o conhecimento dominante de um determinado campo do saber dos demais. Por exemplo, antes da invenção do motor a vapor o paradigma do transporte terrestre era a tração animal. Porém, quando se inventa o motor a vapor, que, posteriormente, gera o automóvel, há uma mudança de paradigma.

Durante muito tempo, a economia foi dominada pelo paradigma liberal. Segundo esse paradigma, formulado pelo economista francês do século XIX Jean-Baptiste Say (1767-1832), tudo o que se produzia em uma economia era consumido por essa mesma economia. Entretanto, as recessões da economia mundial nas primeiras décadas do século XX demonstraram que nem tudo o que se produz numa economia é efetivamente consumido. Há uma ineficiência dos fatores, que gera desemprego, recessão, desaceleração da atividade econômica, e assim por diante. Então, paradigma é uma espécie de ponto de referência superável na ciência ou na sociedade. O desenvolvimento e o progresso se fazem através da mudança qualitativa apreciada de paradigmas. Certos paradigmas são tão fortes que chegam mesmo a constituir, segundo os historiadores, verdadeiras eras - como a “Era do Automóvel” e a “Era Espacial”.

Quando abordamos as questões da educação, da competitividade e dos paradigmas nos deparamos com a seguinte indagação: em que era vivemos e quais são seus paradigmas? Muitos afirmam que vivemos na “Era da Informação”, na qual assegurar o controle dos meios de comunicação de massa garantiria uma parte importante na atribuição de poder e prosperidade das sociedades contemporâneas. Discordo. O Google, a mais importante e mais valiosa empresa de informação do mundo, cujas ações em bolsa valem algumas dezenas de bilhões de dólares, não produz sequer um grama de informação - e gigantes da comunicação, como os grupos CNN, Time-Warner e as Organizações Globo, foram radicalmente ultrapassados por um paradigma que transforma a informação numa “commodity”, uma mercadoria. Não me parece que estejamos na “Era da Informação”, mas na “Era do Conhecimento”. O conhecimento é a lapidação da informação e as universidades desempenham papel importante na configuração desse novo modelo de sociedade. Aqueles que detêm conhecimento são, necessariamente, mais poderosos e mais prósperos do que os demais.

Entretanto, é preciso que se frise que o conhecimento tampouco é o paradigma exclusivamente dominante nas sociedades contemporâneas. Nos anos da Guerra Fria, particularmente nos anos 70, a União Soviética teve a maior população de cientistas do mundo. Na chamada “era Brejnev” (Leonid Brejnev, secretário-geral do Partido Comunista da URSS entre 1964 e 1979), um em cada quatro cientistas do mundo era soviético - aliás, até hoje nas mais importantes universidades do mundo, listadas por publicações americanas especializadas, existem pesquisadores e cientistas russos. Ainda assim, aquela sociedade, que gerou um grande conhecimento - capaz de alavancar uma nação agrária após a Revolução de 1917 e colocar um homem na órbita da terra no final dos anos 50, e chegou a liderar a tecnologia militar e espacial -, era incapaz de fazer um fogão ou uma bicicleta que funcionassem. Não obstante esse conhecimento, em 1992 a URSS como realidade geopolítica desapareceu.

Tive uma experiência pessoal em Cuba, onde iniciei minha missão diplomática como terceiro-secretário do Itamaraty, na Embaixada do Brasil, nos anos 90, que demonstra claramente essa questão. Aquele país vivia tempos difíceis após o fim dos acordos comerciais com a ex-URSS, e o suprimento de gasolina para a pequena e obsoleta frota de veículos era muito escassa. Desejava conhecer o território cubano, mas encontrava problemas tanto financeiros (meu salário era pouco para pagar um motorista particular) quanto para descobrir algum cidadão local que se dispusesse a realizar essa viagem. Acabei por contratar, por US\$ 80, um sujeito muito sisudo e de aspecto militar, com o qual terminei por fazer amizade. Pois bem, ele era engenheiro naval e lia bastante, desde obras da literatura comunista até Shakespeare, Dostoiévski, Nabokov, livros de matemática, etc. Havia estudado com professores soviéticos na universidade. Só tinha um problema: sua especialidade era o planejamento de navios quebra-gelos, indispensáveis para a realidade russa, pois durante quatro meses do ano o litoral daquele país do Leste fica congelado. Em Cuba, seus conhecimentos não se adequavam às necessidades locais, sobretudo após o colapso da indústria naval de seu país. Como ele havia estudado a partir de manuais soviéticos dos anos 40 e 50, seus conhecimentos eram razoavelmente inúteis com respeito aos paradigmas do final do século XX.

Se analisarmos a trajetória histórica de nossos vizinhos argentinos, veremos outro exemplo de que conhecimento não é tudo. Já no final do século XIX, a Argentina universalizou o ensino básico, algo que o Brasil só conseguiu fazer no final do século XX. A sociedade argentina inicia o século XX de maneira muito pujante, exuberante e culta - na década de 1920, Buenos Aires abrigava mais teatros do que Paris. Lê-se tanto nessa sociedade, que, até hoje, há mais livrarias na capital argentina do que em todo o Brasil. O jornal brasileiro de maior circulação, a “Folha de S. Paulo”, tem uma tiragem dominical de menos de 400 mil exemplares (num país de 190 milhões de habitantes), enquanto que o “Clarín”, o principal periódico argentino, sai com 1,6 milhão (numa nação de 36 milhões de pessoas). Porém, essa sociedade culta, que iniciara o século XX como a quarta maior renda per capita do mundo, entra no século XXI na condição de uma nação essencialmente pobre.

Para algumas pessoas, como o presidente do Banco Central americano, Alan Greenspan, estaríamos vivendo a “Era da Turbulência”. Contudo, se pensarmos, por exemplo, na década de 1910, o mundo

enfrentava tempos muito mais turbulentos, algo que se confirmaria com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Os anos 20 do século passado também foram permeados de crises, culminando com a quebra da Bolsa de Nova York, em 1929. A década de 1930 testemunhou a ascensão das ideologias fascistas e totalitaristas na Alemanha, Itália, Japão e Espanha; os anos 40 foram marcados pela Segunda Guerra Mundial; nos anos 50, apesar de alguma calmaria, tivemos a Guerra da Coreia; a década de 60 foi abalada pela Revolução Cultural e pela Guerra do Vietnã; nos anos 70, o mundo enfrentou as duas crises do petróleo, em 1973 e 1979; os anos de 1980 foram conhecidos como a “década perdida” para grande parte do subcontinente latino-americano; nos anos 90, a África foi sacudida por 23 guerras intestinas; e, em 2001, tivemos os atentados terroristas de 11 de setembro. Ou seja, a turbulência é uma espécie de característica inerradicável deste mundo.

Afinal de contas, que paradigmas seriam os dominantes e que espécie de era estaríamos vivendo? De minha parte, acredito que o rótulo que melhor se aplicaria ao nosso tempo seria o de “Era da Destruição Criativa”, isto é, o paradigma que preside o início do século XXI é o da “destruição criativa”. Esse conceito não é novo - na verdade, foi formulado, na década de 1930, pelo economista austríaco, professor da Universidade de Harvard, Joseph Schumpeter (1883-1950). Ele afirmava, basicamente, que o modelo econômico capitalista não era marcado pela divisão do trabalho, como acreditava Adam Smith, nem concordava com a teoria das vantagens comparativas de David Ricardo. Tampouco aceitava a tese da exploração do homem pelo homem de Karl Marx. Para Schumpeter, o que marca o mundo da produção capitalista é a destruição criativa, isto é, um processo quase orgânico de nascimento, envelhecimento e morte de tecnologias.

Esse processo de destruição criativa, que nada tem a ver com evolucionismo, é levado a cabo pela conjugação de quatro fatores (ou estoques). Um desses estoques é o *conhecimento* (a *ciência* e a *tecnologia*). Quanto maior esse estoque de tecnologia, maiores as chances de a sociedade atingir o equilíbrio nesse sistema. É impossível ter êxito e competitividade sem o fator conhecimento. Mas não basta o conhecimento, pois ao lado deste é necessário outro importante fator, o estoque de *capital*. A geração de conhecimento depende sobremaneira do quanto uma dada sociedade decide alocar para desenvolver educação, ciência e tecnologia. Neste particular, o Brasil é o país que mais investe, em termos relativos e absolutos, em ciência e tecnologia (1% do PIB) no hemisfério Sul, à exceção da Austrália - o que representa algo como US\$ 10 bilhões. Nos EUA, só a Universidade de Harvard, cujo campus tem uma área de 28km<sup>2</sup>, contabiliza em recursos disponíveis para projetos em 2007 uma soma da ordem de US\$ 23 bilhões. Portanto, todos os países que lograram êxito econômico nos últimos 30 anos aumentaram exponencialmente o percentual do PIB destinado a pesquisa e desenvolvimento. A Coreia do Sul, por exemplo, que deu o mais extraordinário salto qualitativo em termos de educação e desenvolvimento nesse período, gasta 3,2% de seu PIB com pesquisa e desenvolvimento.

Contudo, os estoques de conhecimento e capital representam apenas 50% dos fatores necessários para se obter a destruição criativa. O terceiro estoque dessa fórmula é a *ambição* - no sentido de querer mais, ter mais, ser mais, saber mais, aprender mais. É a noção de que a inércia incomoda. Sociedades fatalistas ou estacionárias dificilmente conseguirão fazer a destruição criativa, ainda que, muitas vezes, disponham do estoque de capital necessário - como é o caso de muitos dos sultanatos, emirados e baronatos do Golfo Pérsico.

O quarto elemento do paradigma da educação para a destruição criativa é o estoque de *cultura*. Mas não se trata da noção de cultura enquanto acumulação diletante de conhecimento. É cultura muito mais no sentido *biológico* - ou no sentido que o grande sociólogo alemão Max Weber lhe oferecia: cultura é o conjunto de acervos *éticos* que uma sociedade atribui a temas tão importantes como o conhecimento, o capital e a ambição. Por exemplo, uma sociedade que assenta parte do seu patrimônio ético na noção de que é mais difícil um rico entrar no reino dos céus do que um camelo passar no buraco de uma agulha é uma sociedade mais estacionária do que as demais. Por outro lado, uma outra sociedade que acredita, tomando como referência o mesmo evangelho, que cabe aos homens produzir o reino de Deus na Terra - e que, portanto, a prosperidade é um valor positivo -, será favorável ao desenvolvimento da destruição

criativa. Essa é, aliás, a tese de Max Weber na conhecida obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”.

O esforço de sistematização desses quatro estoques levou o professor indiano Amartya Sen a ser o ganhador do Prêmio Nobel de Economia em 1998. Em seu trabalho “Desenvolvimento como Liberdade”, ele sustenta que o desenvolvimento econômico seria um subproduto da interação daqueles quatro estoques. O professor Sen chega mesmo a criar uma métrica da destruição criativa, que contabiliza quantas patentes um país produz por ano, quantos cientistas são formados e aproveitados pela indústria, qual o número de engenheiros, matemáticos e biólogos por cem mil habitantes, etc. Aliada a essa métrica, ele criou uma geografia da destruição criativa, que estabelece um critério denominado TAI (Technological Achievement Index - Índice de Êxito Tecnológico), mostrando que em certas regiões do planeta faz-se mais destruição criativa do que nas demais. De acordo com tal critério metodológico, nos EUA existem 14 dessas regiões, na China encontram-se nove e no Brasil, duas.

A realidade da destruição criativa afeta e muda nossas vidas. Afinal, o que todos desejamos com a educação, entre outras coisas, é o aumento de renda - e a renda só sobe com aumento de produtividade, que, por sua vez, só acontece com choques de destruição criativa, que também apenas ocorrem quando há investimentos em educação, ciência e tecnologia, os quais só são possíveis quando a sociedade poupa - e a sociedade só poupa quando há renda ascendente. Vejam, então, que camisa-de-força ou que oportunidade nós temos. No que diz respeito à poupança, no Brasil ela corresponde a apenas 18% do PIB - mas no Chile, 28%; na Índia, 38%; e na China, 50%.

Na realidade, estamos vivendo na “Era da destruição Criativa” permanente. Os ciclos tecnológicos, que antes eram muito longos, passaram a ser muito curtos. Que conseqüências isso implica para o educador e para o aluno? Países como os EUA, a Alemanha, o Japão e a Coréia do Sul voltaram sua educação para a destruição criativa. Então, se concordamos com a necessidade de nos equiparmos a esse mundo, teremos de nos valer de algumas características brasileiras, tão positivas para tal postura empreendedora, como a criatividade, a flexibilidade e a adaptabilidade, no sentido de alcançar aquela meta. Se nos falta a cultura para a destruição criativa, precisamos destacar os valores do sucesso - a ética da realização, a ética do resultado; se temos carência do ponto de vista da ambição, devemos incentivar o empreendedorismo; se há carência de conhecimentos, busquemos inspiração em exemplos de sucesso da economia nacional, como a indústria aeronáutica. Por fim, há o maior dos problemas: o capital. Infelizmente, o Brasil terá de fazer uma escolha *generacional* - se iremos despender os poucos recursos de que dispomos para acudir a atual geração ou se, ao contrário, iremos direcionar esses recursos para as pessoas capazes de fazer a destruição criativa. Por essa ótica, o quadro não é favorável ao nosso país.

Como afirmei antes, um dos indicadores do quanto um país promove a educação para o conhecimento e, por conseqüência, para a destruição criativa é o montante de patentes depositadas na Organização Mundial da Propriedade Intelectual - ou seja, conhecimento amparado juridicamente para fim de mercado. Pois bem, em 2006 o Brasil depositou 300 patentes naquele organismo - enquanto que a África do Sul, 500; a Alemanha, 12 mil; o Japão, 13 mil; os EUA, 42 mil; e a China, que há dez anos sequer fazia parte daquele organismo, depositou 5 mil patentes. Gostemos ou não, queiramos ou não, essas são as fronteiras no interior das quais todos nós, no início deste século, teremos de nos situar. Na minha visão, portanto, será necessário que redirecionemos nossas plataformas educativas, aproveitando as características peculiares de adaptabilidade de nosso povo, para que o Brasil possa também ser um jogador importante nesse mundo tão complexo e difícil da “Era da Destruição Criativa”.

# Palestra: A Educação no Século XXI e o Perfil dos Educadores

Palestrante: Mário Cortella

Ao falar de “Educação no Século XXI” precisamos lembrar de algo especial: nem tudo o que vem do passado tem de ser descartado, assim como nem tudo o que vem do passado precisa ser conservado. Aquilo que é transmitido do passado que devemos proteger e conservar denomina-se “tradicional”; aquilo que precisa ser descartado chama-se de “arcaico”. Quando analisamos a educação realizada no século XXI, devemos analisar o que é arcaico e o que é tradicional na educação que se fez no século XX. Ir em direção ao século XXI não significa abdicar das visões do século XX nem do século XIX, mas deixar naqueles séculos o que os pertence. A escola é velha quando não se renova - e renovar-se não equivale a ser nova, mas trazer para este século aquilo que no século XX provou ser necessário, eticamente adequado e pedagogicamente eficiente.

Há inúmeros elementos de nossas vidas que são arcaicos - que devem ser deixados para trás - e outros, tradicionais. Costumo dizer que estamos sendo vítimas do que chamo de “despamonhalização” da vida, que também afeta a área de educação. O que isso quer dizer? Significa que não se faz mais pamonha e isso tem impacto fortíssimo na nossa convivência. A nova geração com a qual lidamos na escola não tem noção de processo. Tudo é pronto e instantâneo. O último reduto em que se educava nossa paciência era a máquina fotográfica com filme. Mas, agora, tudo é rápido. É a vida “miojo”. Não sou contra a tecnologia - isso seria uma tolice -, contudo, a máquina digital deseducou nossa paciência. Nem sempre o prático é o mais correto.

Tudo isso tornou a vida mais prática. Porém, nem tudo o que é prático nos serve. Na educação, por exemplo, muita gente está criando “atalhos” nos cursos - reduzindo cargas, diminuindo a qualidade. Há, sem dúvida, elementos arcaicos da educação do século XX que devem ser descartados: o autoritarismo, a fixação exclusiva em conteúdo, a autoridade docente inamovível, a falta de envolvimento dos pais, etc. Entretanto, existem, igualmente, aspectos positivos daquele modelo que devem ser conservados: a autoridade docente, o trabalho planejado, os fundamentos éticos, a eficácia pedagógica. Atualmente, a educação apresenta, também, uma realidade preocupante: a conservação do pior defeito do século XX, ou seja, o consumismo desenfreado que desperta, na cabeça dos jovens, a visão distorcida de que desejos se transformam em direitos.

A qualidade que devemos manter na nova educação é a *sinceridade* - e o *cinismo* deverá ser descartado. Muitas pessoas praticam o que chamo de “adesão cínica” ao serem coniventes com práticas ilícitas como comprar produtos piratas, pagar serviços e produtos sem exigir nota fiscal, só respeita limite de velocidade onde há radar, usa carteira de estudante falsificada para ingressar em espetáculos - e depois reclama dos políticos, da violência, etc. Essas pessoas são as mesmas que, diante das notícias sobre o cotidiano, se indigna e exige: “Alguém tem que fazer alguma coisa!”. Muitas vezes, são aquelas que ridicularizam empregados que não tiveram a oportunidade de se alfabetizar - num país, aliás, de 15 milhões de analfabetos. E seus filhos aprendem a bater em empregadas domésticas, agredir mendigos e matar índios.

Devemos caminhar para o século XXI com uma educação que leve em conta valores de proteção à vida no seu conjunto e não defenda privilégios. Do contrário, não se tratará de ética, mas de *etiqueta*. As inovações tecnológicas criaram um distanciamento entre pais e filhos, fenômeno que nos fazemos enfrentar uma realidade totalmente diferente da que vivemos há algumas décadas. Muitos jovens passam horas entretidos com o computador, em páginas da internet, freqüentando comunidades no Orkut - algumas de caráter ilegal ou voltadas para práticas nocivas -, e não desgrudam de seu celular. A falta de contato entre adultos e jovens na família se aprofunda porque somos a primeira geração de pais que sai

de casa mais tarde do que os filhos - que sequer necessitam de alguém para os acordar, já que têm despertador para isso. O primeiro adulto que encontram está na escola - é aquele que diz o que podem fazer, o que não podem, se estão vestidos adequadamente, se estão atrasados. Aí, o jovem se comporta como um animal acuado e parte para cima.

Estamos passando para esses jovens a pior herança do mundo romano: a idéia de *carpe diem* (aproveite o seu dia). Essa frase, e sua noção implícita (“salve-se quem puder”) representa ao período de decadência do Império Romano, embora tivesse sido formulada em seu ápice. Estamos aterrorizando os jovens dizendo: “Não haverá futuro!”. Ou seja, não haverá meio ambiente, não haverá trabalho, não haverá segurança. Só lhes resta viver o presente. Em vista disso, acredito que boa parte de nossas escolas deveriam começar a implantar, desde a educação infantil, sessões orientais de meditação - para acalmar o espírito. Muitas vezes pensamos que certas crianças são hiperativas, mas, na realidade, vivemos numa sociedade de sofreguidão. No evangelho de Mateus, Jesus Cristo afirma: “De nada adianta um homem ganhar o mundo se perder a sua alma”. Isto equivale a dizer que o homem não pode perder a sua essência. Portanto, para uma sociedade que está sôfrega devemos trabalhar não só conteúdos curriculares, mas também a meditação, a audição de músicas mais relaxantes - fazendo com que os alunos baixem seu metabolismo.

É preciso que se tenha muito cuidado com a tecnologia, pois pode ser enganosa. Muita gente diz que *navega* na internet mas, na verdade, *naufraga*. A internet é um estupendo instrumento de acesso à *informação*, que não deve ser confundida com *conhecimento*. Informação é cumulativa e conhecimento, cumulativo. Para que a informação se transforme em conhecimento é necessário critério, e cabe à escola ajudar a pensar tais critérios. Há professores que “soterram” os alunos com informação achando que estão transmitindo conhecimento. E o que é pior: acreditam que os alunos só se interessam pela escola quando têm acesso a ferramentas tecnológicas. Isso não é verdade. Não façamos o discurso daqueles que só falam mal da escola e não apresentam propostas. Essas pessoas desprezam a escola, que representa uma experiência sociocultural insubstituível.

Precisamos modernizar a mentalidade da escola para que, conseqüentemente, a tecnologia acompanhe esse processo. Obviamente, nenhum de nós é contra a tecnologia, mas apenas conquistaremos a atenção dos jovens se soubermos usá-la em companhia deles. A tecnologia resulta de uma mentalidade moderna, e não o contrário. Por isso, acredito que na educação do século XXI o professor precisará ter um perfil originado de uma idéia básica: humildade pedagógica. Ou seja: há coisas que não sabemos. A começar pela juventude com a qual trabalhamos - é necessário prestar mais atenção. Não nos damos conta, mas o tempo avança rapidamente, e esses novos estudantes não eram nascidos quando alguns fatos marcantes da vida brasileira e do mundo aconteceram - por exemplo, a eleição de Fernando Collor, a morte de Renato Russo, a morte dos Mamonas Assassinas, o assassinato da ovelha clonada Dolly, etc. Eles não conheceram a inflação. Portanto, a noção de tempo foi radicalmente alterada.

Muitos professores afirmam que os alunos não são mais os mesmos. Ora, isso é o óbvio. Contudo, existem muitos professores que continuam a utilizar os mesmos métodos empregados há anos. A equipe pedagógica e a comunidade escolar têm de discutir para organizar os cursos. Cuidado com a “tacocracia” - isto é, a ditadura do rápido. Tenha atenção com a resignação que se manifesta como cumplicidade. O pior risco, entretanto, é ficarmos prisioneiros do mesmo em um mundo de mudanças. Segundo pesquisas de audiência televisiva, uma criança ao ingressar na escola, hoje, já assistiu a cerca de 5 mil horas de televisão, numa média de 3 horas diárias, a partir dos dois anos de idade. Assim, ela já viu programas como telenovelas, noticiários, canais por assinatura, pornografia, futebol, etc.

Concluimos, então, que a educação no século XX terá de ser modernizada pela *mentalidade*, que, por sua vez, exige humildade. Só é um bom ensinante quem for um bom aprendiz. Por isso, devemos sempre ter em mente o que certa vez falou a estupenda escritora ucraniana, radicada no Rio de Janeiro, Clarice Lipector: “O melhor de mim é aquilo que eu ainda não sei, porque aquilo que ainda não sei é exatamente meu território de renovação e de crescimento”. É preciso mudar - mudança não é a criação

do inédito, e sim do novo. Criar uma nova escola, portanto, significa manter, também, o tradicional. Não se pode deixar para trás a autoridade docente, que se constitui a partir da competência pedagógica, científica e ética. Então, a humildade à qual me referi nada tem que ver com a subserviência.

A humildade faz com que o professor admita a sua dúvida sobre o que está fazendo. Desconfie de quem não tem dúvidas. O escritor Millor Fernandes diz em uma de suas máximas: “Se você não tem dúvidas é porque está mal informado”. É claro que não podemos só ter dúvidas, mas não as ter é sinal de envelhecimento. No Brasil se tem medo da dúvida porque a escola nos traumatizou. Essa cultura escolar tem de ser mudada. Quem tem dúvida cresce. Outra coisa importante é ouvir quem discorda de você.

## **Palestra : Aquecimento Global**

### **Debatedores: Sérgio Besserman**

### **Sérgio Abranches**

### **1ª Intervenção: Sérgio Besserman**

O tema do aquecimento global é uma espécie de janela para a História, pois nos permite vislumbrar um pouco das imensas transformações que o mundo testemunhará, nas próximas décadas, na economia, na política, na sociabilidade e no pensamento. Não seria ambicioso dizer que se tratará de uma verdadeira revolução. No século XXI, o leque de possibilidades que a História apresenta estará muito mais em aberto do que jamais esteve no século XX - e lembremos que o século passado viu acontecimentos tão marcantes como a Primeira Guerra Mundial, Revolução Russa, Grande Depressão, criação do Estado de Bem-Estar Social e do New Deal, Segunda Guerra Mundial, Revolução Chinesa, Revolução Cubana, Guerra do Vietnã, derrocada do Socialismo Real e do Muro de Berlim, Guerra do Iraque, etc.

Um outro tema que gostaria de abordar é a maneira como se deve interpretar o que diz a ciência - sobretudo no Brasil, onde a educação científica é tão mal compreendida pelo senso comum. Somos impressionantemente atrasados na compreensão de como a ciência funciona. Nesse aspecto, o tema do aquecimento global também se presta a ajudar na compreensão de como devemos usar a ciência como parte importante de nossa compreensão de mundo. Têm-se verificado muitos equívocos de interpretação de certos dados de relatórios científicos até na imprensa. Por exemplo, o relatório referente a 2007 do IPCC (Intergovernmental Panel for Climate Changes - Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas) - uma rede cientistas de todo o mundo que produz estudos para a ONU - aponta que há 90% de certeza de que o aquecimento global seja decorrente da ação humana (antropogênica), através da emissão de gases que agravam o efeito estufa. Não devemos ter fetichismo em relação a esses números. Porém, a maioria da imprensa brasileira divulgou a notícia como se houvesse 10% de cientistas que discordam daquela conclusão. Não há um único relatório publicado que mostre evidências defensáveis sugerindo que não é a emissão de gases de efeito estufa pela sociedade humana que está causando o aquecimento global. A ciência não é uma religião, portanto sempre haverá uma margem de erro e a possibilidade de novas interpretações.

Esses são, portanto, os dois temas de minha abordagem: mostrar por que o aquecimento global é uma janela da História e mudará tanto o mundo, e sugerir como se deve ler a ciência. Iniciarei minha exposição pelo segundo ponto, ou seja, a ciência. Não há novidade para a ciência a respeito do entendimento do fenômeno do aquecimento global ou do efeito estufa. No século XIX já se conhecia a

composição da atmosfera e o efeito estufa. Primeiro, uma rápida explicação do que se entende por efeito estufa. Toda a energia que existe no planeta Terra vem de duas fontes: a geotérmica (a radiatividade do interior do planeta), que não nos interessa, e a que emana do Sol. A energia solar é a fonte de energia que está majoritariamente presente na natureza. Parte do calor emitido pelo Sol (raios infravermelhos) esquentam o nosso planeta, e outra parte é refletida para o espaço. Se toda a energia solar fosse refratada pela Terra, a temperatura no planeta seria 33°C graus mais fria - a temperatura média da Terra é de 14°C, e seria de -19°C. Felizmente, as moléculas de substâncias que se encontram na atmosfera terrestre (como gás carbônico, metanol, vapor d'água, etc) retêm o calor (raios infravermelhos). Isso é o que permite ao planeta manter a temperatura adequada à vida.

Desde a Revolução Industrial até hoje, a humanidade atingiu grande capacidade de aumentar a emissão de gases combustíveis fósseis que agravam o efeito estufa natural numa proporção significativa. Os responsáveis pelo aquecimento do planeta foram, basicamente, o gás carbônico (do petróleo, carvão, gás natural) e o metano (da agricultura, depósitos de lixo, plantações de arroz). Portanto, estamos aumentando o efeito estufa natural com a emissão de gases que refletem de volta para o planeta a radiação infravermelha. Esses gases permanecem ativos na atmosfera, realizando efeito estufa, por muito tempo - o gás carbônico dura 100 anos; o metano, 10 anos (porém, reflete 23 vezes mais vezes os raios infravermelhos); e o óxido nitroso, 170 anos.

O aquecimento global é um balanço que leva em consideração múltiplas causas, que, às vezes, são paradoxais. Por exemplo, se Santiago do Chile, a Cidade do México e, principalmente, a China acabassem com sua poluição atmosférica a qualidade de vida ia aumentar muito; em compensação, os cenários de aquecimento global ficariam mais graves porque essa poluição esfriaria o clima. A explosão demográfica do planeta concorreu para elevar a demanda por serviços que empregam energia intensamente, mas os maiores riscos são proporcionados por uma minoria concentrada sobretudo nos países ricos. Nos últimos 50 anos, nosso planeta passou de 2 bilhões de pessoas para 6 bilhões. Entretanto, são 600 milhões de pessoas os que contribuem para o agravamento do impacto ambiental - americanos, europeus, japoneses e os ricos e integrantes da classe média dos países emergentes. Os outros 5,2 bilhões desejam avidamente aquecer o planeta, e têm todo o direito de assim pensar - querem ter carro, ar condicionado, freezer, consumir a mesma quantidade energia, etc. A hegemonia econômica e militar alcançada pelos EUA com o fim da Segunda Guerra fez com que seus padrões de produção e de consumo passassem a ser desejados e copiados em todo o mundo. Então, adotou-se um modelo baseado no consumo desenfreado. Esse padrão generalizado acelerou o processo de aumento das emissões de gases que provocam o aquecimento global.

O nosso planeta já foi mais quente e mais frio do que é hoje. Porém, jamais aqueceu 3°C em apenas 100 anos. Daí a imaginar que a humanidade possa fazer mal à natureza do planeta é uma tolice. Trata-se de dimensões completamente diferentes. A vida existe na Terra há 3,6 bilhões de anos - a vida pluricelular, 700 milhões; os hominídeos, 2,5 milhões; o homo sapiens, 250 mil anos. Em todo esse tempo, a Terra já passou por problemas incomensuravelmente maiores do que qualquer coisa que a humanidade possa praticar contra ela. O planeta já passou por grandes problemas naturais, como a extinção dos dinossauros, que se iniciara, por razões climáticas, 2,5 milhões de anos antes da queda de um asteroide na atual planície de Yucatan, no México, que destruiu 65% da vida então existente. O impacto do choque desse asteroide correspondeu a 10 mil vezes o atual arsenal nuclear do planeta. O fato, entretanto, é que a biodiversidade se recompõe em alguns milhões de anos e o planeta permanece íntegro. Ou seja, se continuarmos a degradar a natureza como estamos fazendo, o planeta simplesmente nos descartará e seguirá existindo.

O IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas) estima que o aquecimento do planeta será de 3°C no século XXI. Há previsões mais otimistas e mais pessimistas. O cenário mais otimista acredita que o aquecimento será de 1,1°C, e o mais pessimista avalia que atingirá 6,4°C no ano 2100. Cada cidadão do planeta emite, hoje, 1,2 toneladas de CO<sub>2</sub>, e esse nível teria de ser 0,4 toneladas de CO<sub>2</sub> -- cada americano emite 5,5 toneladas de CO<sub>2</sub>. A estimativa é de que a população mundial

chegue até 2050 a 9 bilhões de pessoas, todas ávidas de consumir produtos que agravam os efeitos sobre o meio ambiente. Será possível reverter essa situação? Prefiro ser otimista e acreditar que sim, mas o mundo terá que mudar. E isso dependerá da compreensão que nossas crianças terão dessa realidade. Não estamos assustando nossos filhos com essas precauções, eles é que nos mostram que o rei está nu. Precisaremos de muito conhecimento, ciência e tecnologia. Os tempos estáveis são coisas do passado.

## 2ª Intervenção: Sérgio Abranches

O aquecimento global é um fenômeno muito complexo, mas está associado ao nosso cotidiano e a questões básicas de disciplinas como a Física, a Química e a Biologia. Portanto, é um assunto muito cotidiano, que pode ser perfeitamente discutido com os jovens em sala de aula. Questões como a fotossíntese e o efeito estufa não são difíceis de serem demonstradas.

Depois de uma longa carreira como professor de Sociologia, decidi empregar minha experiência como estudioso dos problemas brasileiros para discutir as questões do aquecimento global adequadas à nossa realidade. Três questões me parecem essenciais para compreender isso: 1) a relação dos brasileiros com o tempo - que é muito ruim, pois vivemos excessivamente o curto prazo, não temos noção do longo prazo; 2) como nos relacionamos com os fenômenos ambientais; 3) o que esse problema tem a ver com a estrutura de valores do Brasil.

Há uma passagem na peça “Macbeth”, de Shakespeare, em que uma das bruxas vaticina o destino funesto do protagonista: “Ele desprezará o destino, desafiará a morte e terá esperanças acima da sabedoria, da piedade e do temor. Vós bem sabeis, a confiança é o maior inimigo dos mortais”. Com relação ao aquecimento global, estamos colocando a esperança acima da sabedoria. Continuamos esperando que o tempo resolverá o problema, ou que alguém descobrirá uma fórmula, ou que todos estão errados e os certos são aqueles poucos que negam o fenômeno do aquecimento global. Nós, brasileiros, temos um excesso de confiança - achamos que não temos problemas climáticos, que o Brasil é um paraíso, sem terremotos, furacões, maremotos, etc, e estamos a salvo.

Vê-se, no Brasil, o processo de mudanças trazidas pela questão ambiental como um sacrifício. Na verdade, para o nosso país a redução das emissões de gases estufa implica menos sacrifícios do que para outros países. O que estamos discutindo, de fato, é uma troca na noção de tempo: queremos ter muito prazer agora, e destruir a possibilidade de vida prazerosa para nossos netos, ou começamos a mudar, para garantir boa qualidade de vida para todos? Podemos ter uma vida qualitativamente boa e quantitativamente compatível com a capacidade do planeta. O que estamos perdendo, basicamente, é a qualidade de vida.

Com a degradação ambiental, nós também contribuimos para arruinar bibliotecas inteiras de conhecimento que ainda não foi publicado: há uma quantidade enorme de informação nos corais, nas árvores, na biodiversidade, etc, que estamos destruindo. A ausência da barreira de corais no litoral faz com que os efeitos de um Tsunami sejam muito mais devastadores. Esses desastres ditos “naturais” são, na verdade, a maneira como a natureza se comporta, muitas vezes com violência - os desastres transformam-se em sociais quando um fenômeno natural encontra uma área habitada despreparada.

Não é verdade que no Brasil não temos a ocorrência de furacões. Recentemente, Santa Catarina foi atingida pelo “Catarina”, que até hoje se discute se era um furacão ou uma tempestade tropical. O “Catarina” aconteceu numa região em que o regime de ventos não é propícia à formação de ventos. Sempre tivemos tornados, apenas não imaginávamos que pudessem ser furacões. Um cientista gaúcho que conheço está escrevendo uma tese de doutorado em que demonstra que o degelo na Antártica diminuiu a quantidade de massas de ar frio que chegam ao Brasil, mas as que atingem o sul do país são muito frias, gerando temperaturas mais baixas. Com isso, a agricultura gaúcha já começa a sentir as conseqüências.

Um interessante assunto para ser abordado nas classes de História é afirmação de especialistas em Paleoclimatologia (a ciência que estuda o clima do mundo antigo) que os historiadores negligenciaram sistematicamente os fenômenos climáticos na determinação dos eventos históricos. Há estudos que mostram que a maioria dos antigos impérios do Oriente foi destruída por fenômenos climáticos extremos; os maias provavelmente desapareceram pela mesma razão; a substituição da economia cafeeira pela economia açucareira no Caribe se deu pela ocorrência de furacões; a ocupação da Groenlândia pelos vikings foi condicionada por um derretimento excessivo da camada inferior de gelo de seu território.

O governo brasileiro tem se negado a cooperar com um acordo melhor sobre o clima afirmando que os países desenvolvidos foram os maiores responsáveis pelas emissões dos gases estufa. No entanto, acredito que, no caso do Brasil, contribuir para tornar possível o cenário de controle da degradação ambiental corresponderia a um “processo civilizatório”: teríamos de ser menos corruptos, complacentes, descuidados, desrespeitosos conosco e com os outros para conseguirmos fazer a nossa parte. Começaríamos a incorporar ao nosso cotidiano uma série de valores que perdemos. Essa atitude corresponderia a uma verdadeira reforma moral.

No que se refere à questão ambiental, o problema do Brasil é, fundamentalmente, a maneira como se usa a terra. Ao contrário da maioria dos países do mundo, 80% da nossa matriz energética é constituída por usinas hidrelétricas, sendo, portanto, muito menos emissora de gases estufa. Então, nosso problema consiste no desmatamento e na forma de utilização dos combustíveis. O atual desmatamento na Amazônia atinge níveis altíssimos, devido à recuperação do preço da soja no mercado internacional - por conta da queda das safras na Austrália, Europa e Canadá, em consequência de fenômenos climáticos, e porque nos EUA a soja está sendo usada para a produção de etanol. Como a soja será um componente importante do programa de biodiesel brasileiro, estará contribuindo para o desmatamento e anulando a possibilidade de contribuirmos para a preservação do meio ambiente.

As emissões brasileiras de gases estufa cresceram 32% entre 1990 e 2003. Isso representa um pouco menos do que China e Índia, e nos coloca na terceira posição em termos de taxa de crescimento das emissões nesse período. O desmatamento tem muito que ver com tal índice. Hoje já dispomos de tecnologia capaz de detectar, através de satélite, os pontos de desmatamento na Amazônia, graças ao INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) e ao Imazon, uma instituição privada com sede em Belém, no Pará. Basta ao governo desejar tomar uma atitude e se informar a respeito das localidades onde o desmatamento está sendo efetuado. Por causa da plantação de soja, o desmatamento do trimestre maio/junho/julho deste ano foi 3 vezes superior ao de igual período de 2006. Se o governo não adotar providências, este ano vamos bater todos os recordes de desmatamento.

Quanto ao volume de desmatamento no Brasil, não se trata de um problema deste ou daquele governo. Durante os oito anos da gestão do presidente Fernando Henrique Cardoso, foram devastados 152 mil km<sup>2</sup> de floresta; no atual governo do presidente Lula, já foram derrubados 108 mil km<sup>2</sup>; o total dos dois governos chega a 260 mil km<sup>2</sup>. Já desmatamos na Amazônia o equivalente a três estados de São Paulo. Há quem argumente que se não houver desmatamento na Amazônia não haverá desenvolvimento, a região permanecerá pobre. Acredito, ao contrário, que a Amazônia é pobre por causa do desmatamento, e, caso continuemos a desmatá-la como estamos fazendo, caminha para se transformar em região semi-árida, em cerrado pobre.

O uso de combustíveis é outro grande problema do Brasil: 75% das emissões de gases estufa são decorrentes da utilização de terras da floresta para a pecuária e 10% são gerados pelo transporte rodoviário, que emprega sobretudo o diesel. Se o nosso país transportasse o mesmo volume de carga dos EUA, nós poluiríamos três vezes mais do que os americanos. O Brasil é o único país de dimensões territoriais muito grandes que utiliza majoritariamente o transporte rodoviário, em detrimento do ferroviário e das hidrovias. As frotas brasileiras estão muito velhas, gastam muito combustível e os motoristas são despreparados. Além disso, a qualidade do diesel fornecido pela Petrobrás é péssima, pois contém enxofre demais.

Como consequência, as seis maiores regiões metropolitanas brasileiras sofrem enormes problemas de saúde pública por causa da poluição do ar: só em São Paulo, morrem oito pessoas por dia em decorrência de doenças respiratórias. O país despende anualmente US\$ 2,5 milhões com o tratamento dessas enfermidades. Ou seja, o Brasil já está vivendo os resultados do aquecimento do planeta, com maior quantidade de secas, a ocorrência de dias mais quentes e mais secos e menos dias frios.

Neste ponto, eu chego à questão dos valores. Será que nosso problema principal é ambiental? A história brasileira recente é a de um país formal, que obedece as leis e paga os impostos, que vem sendo invadido por outro país, informal e ilegal, como parte do processo de desenvolvimento. O Brasil legal transaciona, comercia, convive e tolera o Brasil ilegal. Fazemos parte de uma sociedade que está perdendo os seus valores ao ser complacente e tolerante demais com a ilegalidade. Em relação ao desmatamento de nossas florestas, as autoridades mostram-se coniventes com o crime organizado ao não exigirem a certificação da origem da madeira comercializada. Estamos fertilizando, com o dinheiro legal, as atividades ilegais, que corrompem o poder. Ajudamos a “lavar” o desmatamento, a grilagem e o trabalho escravo ao rotular como idôneos produtos que são originalmente criminosos.

Se cumprirmos as cotas do novo tratado pós-Kyoto, que prevêem o fim do desmatamento nos primeiros dez anos, estaremos combatendo o crime organizado na Amazônia. É uma meta tão civilizadora quanto erradicar a cocaína dos morros cariocas. E, repito, o Brasil não precisará fazer sacrifícios e só terá a ganhar com isso. Nós conseguiremos ser uma sociedade de baixo carbono, e, ao final desse processo, teremos nos transformado numa sociedade mais civilizada e justa - objeto do orgulho de nossos filhos e netos.

## **Palestra: Criando Alunos Empreendedores**

### **Palestrante: Cássia D’Aquino**

Em vários anos de trabalho com a Educação Financeira, minha preocupação essencial sempre foi criar alunos capazes de encontrar soluções para problemas. Como educadora, preocupo-me demais com a situação dos estudantes que, muitas vezes, saem das universidades demonstrando comportamentos de dependência e infantilismo. Por exemplo, vejo a dificuldade que encontram para fazer pesquisas, elaborar bibliografias, etc. Isso acontece porque eles são sempre muito amparados e protegidos na resolução de problemas.

Como a escola pode criar condições para o aluno ingressar no mercado de trabalho, muito exigente e requerendo esforço para resolver problemas? Que tipo de alunos formamos ou queremos formar? Raramente temos noção de onde queremos chegar na formação da criança e do jovem. Na área de Educação, sempre aparecem novas modas pedagógicas que vão sendo adotadas e descartadas ao passar dos anos, sem que se estabeleça uma linha coerente e duradoura. Considero fundamental a visão da Educação Financeira, pois propõe que se pense a relação do aluno com o dinheiro. Isso nos remete a uma obra tão importante quanto a “Ética a Nicômaco”, de Aristóteles, que aborda questões muito contemporâneas e pertinentes como o bom senso da poupança e o mau gosto da opulência e da ostentação.

A Educação Financeira tem em vista a organização do jovem em relação aos sobressaltos financeiros, como aqueles que vivemos durante os anos do pesadelo inflacionário, quando, aliás, a disciplina teve impulso. Inicialmente, é necessário demonstrar alguma intenção de ensinar os alunos como se ganha dinheiro, não significando “fazer grana”, mas prepará-los para conhecer o mercado de trabalho. Neste

momento, por exemplo, os economistas afirmam que o horizonte não é muito bom. Os alunos serão os futuros trabalhadores e deverão enfrentar um mercado de trabalho muito competitivo, e a disputa de vagas deverá ser sofrida. Como, então, ensiná-los a ganhar dinheiro? A resposta é: ensinando-os a resolver problemas. Infelizmente, não estamos sendo capazes de realizar essa tarefa de maneira cotidiana nas escolas.

Outra tarefa importante é ensinar os alunos a gastar o dinheiro. Esse assunto cabe aos pais resolverem, mas eles preparam muito mal seus filhos a lidarem com o dinheiro. Porém, como os jovens passam grande parte de seu tempo na escola, os educadores também desempenham um papel importante nesse campo. A escola deve, sim, educar crianças e adolescentes a lidar com o dinheiro, seja como conselheira dos pais, seja simplesmente admitindo que este é um assunto complexo e não temos todas as respostas. Seria preciso, na minha opinião, que adotássemos um pouco a postura dos gregos na *Ágora*, isto é, sentássemos e debatêssemos como educar para o consumo - especialmente no momento em que a escola quer encontrar um novo perfil. As coisas mudaram muito no que diz respeito ao consumo de crianças e adolescentes nas últimas décadas.

Gastar dinheiro significa fazer escolhas. A escola precisa oferecer aos alunos o conhecimento das situações para o aprimoramento das escolhas. Ao mesmo tempo, faz-se necessário ensinar como se poupa o dinheiro, algo que se refere a todos nós, não apenas aos jovens. No Brasil, a taxa de poupança interna é muito baixa, fenômeno que teve sua origem ainda na época das altas taxas de inflação. Países mais sérios mantêm níveis elevados de poupança interna. Com a melhoria das condições de saúde pública, a expectativa de vida dos brasileiros vem aumentando, o que indica a maior necessidade de os jovens se preocuparem com a garantia de um futuro seguro. Portanto, torna-se fundamental a preparação dos alunos para a maturidade financeira, ensinando-os a adiar desejos imediatos em função de benefícios futuros.

O ambiente escolar deve oferecer aos alunos exemplos de que podem ser generosos, como forma de contradizer o discurso que apenas enfatiza elementos negativos da personalidade das crianças. Mostremos que eles são capazes de doar tempo e talento aos seus colegas e às pessoas. Afinal, precisamos estar cientes do tipo de valores que desejamos ver preponderar na sua formação. Os professores não se dão conta de que traduzem valores aos seus alunos em pequenos gestos e atitudes. Muitas vezes, deixam passar despercebidos detalhes da vida cotidiana que se prestam a sedimentar valores importantes nos alunos, e se perdem com problemas superestruturais e grandes ensaios sobre a Educação. Espanta-me ver a frequência com que professores mencionam novelas em sala de aula, ou o tipo de música utilizado nas festas escolares.

Desde a redemocratização do Brasil, as escolas vêm colocando ênfase na questão da ética em sua linha pedagógica. Parece-me que tal tendência não está funcionando. Do ponto de vista da Educação Financeira, os jovens estão sendo criados, por pais e professores, com uma visão absolutamente distorcida a respeito do que seja ganhar dinheiro. Por isso, devem ser observadas três distintas fases da formação do ser humano. Dos 4 meses aos 10 anos de idade, ocorre a “Fase de Formação da Mentalidade”, que a escola deveria aproveitar para fomentar a questão da “resolução de problemas” em uma perspectiva que torne os alunos interessados e curiosos. De 11 a 15 anos, tem-se a “Fase da Identidade”, ou da formação da atitude, em que o jovem encontra seu lugar no mundo e estabelece vínculos extrafamiliares - o que exige da escola exemplos para que os alunos se sintam identificados com comportamentos adequados. Entre 16 e 18 anos, é o período em que se dá a “Sedimentação de Informação”. No meu modo de ver, as escolas criam certa confusão com esse esquema de fases que apresentei. Por exemplo, será um fracasso a tentativa de despertar a “mentalidade empreendedora” antes dos 15 anos.

Há, também, na pedagogia tradicional um excelente método para se despertar na criança o interesse por exercer tarefas: trata-se da “Fase do Instinto de Trabalho” (2 a 5 anos), de Montessori, um exemplo de como, lamentavelmente, deixamos escapar possibilidades de educar para a vida. Essa fase é de tal maneira organizadora da psique da criança, com desdobramentos posteriores, que deveria ser área de

intenso envolvimento da escola. Até mesmo os pais teriam de ser informados a respeito do que ocorre nesse período.

Outra eficaz maneira de se criar a mentalidade empreendedora é através da leitura. Eu sempre gostei muito de literatura infantil, especialmente de contos de fadas. Não me agradam os livros didáticos que vêm sendo adotados pelos professores nas últimas décadas. É espantoso como os alunos estão escrevendo mal e demonstram não saber ler. Cabe aos professores desenvolver a afeto pela leitura, pois abre novos horizontes aos jovens. Mas se o professorado não gosta de ler, aí mesmo é que não será capaz de transmitir essa paixão a seus alunos.

A relação entre crianças e o mundo do trabalho precisa ser reforçada dentro das próprias famílias. A informação que elas têm sobre o mundo do trabalho não pode se restringir ao momento da escolha de uma profissão. Trata-se de sua percepção acerca das *relações de trabalho*. Sugiro uma tarefa a ser recomendada aos pais: para estabelecer na mentalidade da criança um forte vínculo entre dinheiro e trabalho, peçam que digam aos filhos qual a sua profissão e que sejam capazes de explicar por escrito que tipo de atividade exercem. Aos professores, insisto para que mostrem aos alunos o passo a passo da resolução de problemas, não caindo no equívoco de anunciar uma questão e mostrar a sua resolução. A transmissão de valores requer consistência e reflexão.

Como falei anteriormente, preocupa-me muito a forma como professores trazem para dentro de sala de aula assuntos de certos programas de televisão, como as novelas ou os “reality shows”. Na condição de educadora, já realizei um “Dia do desligue a TV” e recomendo a todos que tentem fazer o mesmo. Estabeleçam um dia no ano em que os alunos serão convidados a não ver televisão. Em contrapartida, produzam uma série de atividades alternativas que tenham como objetivo desenvolver o pensamento crítico na criança com relação à programação e à propaganda. Não se trata de as escolas dizerem aos pais como devem educar seus filhos, mas talvez seja uma solução mostrar ao aluno que existem outras possibilidades além daquelas que conhece. Que tipo de fama se mostra na televisão e na mídia? Deve-se ter muito cuidado ao tratar da relação entre trabalho e fama.

A Educação Financeira visa, portanto, mostrar à criança como o universo do trabalho se constitui. Em síntese, a vocação para criar negócios e ser empreendedor está relacionada à capacidade de resolver problemas. Nesse sentido, os educadores são responsáveis por despertar importantes características nos alunos: curiosidade, busca de soluções, estabelecer planos, atingir resultados. Devem ser estimulados a autoconfiança, a iniciativa e o autoconhecimento. Além desses, também precisam ser enfatizados: o senso de oportunidade e o espírito investigativo, que desenvolvem a capacidade de planejamento e negociação; a autonomia, a responsabilidade e a persistência. A colocação do problema e sua análise requerem um processo que se inicia com o “brainstorming”, passa pela escolha das soluções e se conclui com o teste da solução.

## **Palestra: Contexto, Textos e Apostas na Educação Hoje**

### **Palestrante: Ernesto Bologna**

Como psicólogo de formação, com especialização em Psicanálise, tenho-me interessado muito mais pelo mundo do inconsciente, do discurso velado, oculto, que se espreita por debaixo dos valores, do que propriamente pelo discurso da racionalidade. Nesse sentido, minha exposição terá como mote principal a demonstração de que o *contexto* contém uma dose extraordinária de verdades não reveladas. A idéia de contexto não se limita a uma lista de fenômenos culturais, mas ao plano de algo que nos determina e, queiramos ou não, por este somos influenciados - especialmente no âmbito da Educação.

A cultura que educadores e alunos respiramos exerce enorme influência sobre nossa disciplina. A

época em que estamos inseridos denomina-se *pós-modernidade*, e a cultura pós-moderna se expressa em múltiplas áreas, como a estética, a arquitetura, etc. O pensamento pós-moderno originou-se de uma visão crítica em relação à Filosofia da História depois dos anos 60, formou-se na década de 1980 e consolidou-se nos anos 90, como conseqüência da queda do Muro de Berlim. Exprime um profundo desencanto com as promessas não realizadas pela modernidade, que nutria a expectativa da concretização, no século XX, dos valores humanos plantados pelo Iluminismo na Revolução Francesa de 1789.

Em síntese, seis fatos históricos da segunda metade do século XX definiram o que se conhece como a pós-modernidade, e tiveram forte impacto sobre os educadores e suas práticas. O primeiro desses fatos foi a *dissolução da família nuclear clássica (pai, mãe e filhos) como célula da organização social*. Cada vez mais os casamentos ocorrem tardiamente, as separações acontecem mais cedo e há um novo perfil de moralidade. O ingresso da mulher no mercado de trabalho estabeleceu a mudança de seu papel social, não mais o de “esposa-mãe” e âncora em que se estruturavam as famílias.

O segundo evento foi o *esvaziamento das igrejas tradicionais como fonte da educação moral*. O século XX testemunhou a predominância do cientificismo, que desconfiava da visão de mundo das religiões. As três maiores correntes daquele pensamento e seu teóricos - a psicanálise (Sigmund Freud), o marxismo (Karl Marx) e o darwinismo (Charles Darwin) - desafiavam a concepção teológica do mundo. Elas exerceram forte influência sobre a intelectualidade da modernidade, a qual determinou que a estruturação ética da Educação se faria pela razão (a “dialética da razão”), e não por meios sobrenaturais. Essa visão instaura um problema: é possível produzir “educação moral” sem a educação religiosa? Qual a relação entre os princípios dogmáticos da religião e a “dialética da razão” na construção moral das crianças? O certo é que a ética resultante da “dialética da razão” muitas vezes mostra-se regressiva e primitiva.

O terceiro acontecimento que definiu a pós-modernidade foi o *advento da juventude como fonte de poder*. Nunca houve na história uma época em que todos querem ser jovens. Verifica-se uma enorme dilatação do período da puberdade, da adolescência, da primeira juventude e da primeira maturidade. Tal fenômeno representou um forte impacto para os educadores e para a sociedade. Criaram-se termos como “melhor idade” e “terceira idade”, que representam eufemismos para disfarçar a realidade do envelhecimento. Multiplicaram-se academias, cosméticos e plásticas para retardar a aparência da velhice. Esse poder influencia particularmente a Educação, pois, pela primeira vez, os filhos sabem mais do que os pais, sobretudo na utilização das novas tecnologias. E os pais temem os filhos nessa avassaladora cultura jovial.

O quarto fato foi a *mudança no conceito de felicidade*. A noção de felicidade migra da capacidade de cumprir deveres, dar conta de si mesmo e dos outros ao redor, para a capacidade de realizar desejos individuais. Antes era fundada no *dever*, agora é fundada no *prazer imediato*. A cultura da segunda metade do século XX caracterizou-se pelo erotismo, o descontrole da libido e a regressão a valores arcaicos da psique - uma cultura primitivizante, em que impera o desejo instintivo. Com Freud, nós, educadores, devemos aprender que existe o *inconsciente*, conceito mal utilizado na Educação. Debaixo da mente que se vê, existe uma mente que não se vê, em funcionamento permanente. E essa mente que não se vê controla o funcionamento da mente que se vê. Tal conceito expressa o questionamento da idéia de *liberdade*. O desencanto com o coletivo e o imediatismo erótico-libidinoso denotam o que Freud chamou de “mal-estar na civilização”. Segundo a sua teoria, o *totem*, âncora contratual de natureza social, perde a característica coletiva do sagrado e decai na forma de um *tabu* - perdendo o sentido de valor social, sagrado, objeto de confiança. Vivemos uma época em que os totens transformaram-se em tabus, e foram denunciados.

O quinto acontecimento instaurador da pós-modernidade talvez tenha sido o mais dramático do ponto de vista das práticas educacionais: *surge a comunicação de massa*. No século XX, testemunhamos a adesão crescente das pessoas aos meios de comunicação de massa, desde o telégrafo sem fio, o cinema, o rádio, a televisão, o telex, o fax e a internet. Essa audiência maciça influencia a construção psíquica

muito além do alcance dos educadores. A voz da autoridade (pai, mãe, etc) vai perdendo poder na formação dessa nova mente. As crianças participam de comunidades no Orkut e no Messenger utilizando uma nova língua, objetivista (escrita e não falada). Estamos, portanto, diante de um novo mundo e temos de levar isso em consideração.

O sexto ponto apresenta-se como fundamental no século XXI: trata-se do *conceito de sustentabilidade*. Esse conceito não se limita à sustentabilidade ambiental, mas envolve a sustentabilidade social, econômica, política, da biodiversidade, etc. Se nós quisermos, como educadores, cumprir a nossa função de construir o futuro através dos alunos teremos de compreender todo o significado desse conceito. A noção de sustentabilidade poderá, quem sabe, ajudar a eleger o próximo presidente dos EUA. Apesar de muitos políticos e cientistas contestarem os números apresentados no Protocolo de Kyoto, é inegável que o problema posto pela sustentabilidade se enquadra com a realidade. Se a sustentabilidade configura-se como um projeto para o século XXI, eu diria que se trata de um bom projeto.

Apresentados esses pressupostos da cultura pós-moderna, passamos às questões com as quais os educadores lidaremos neste século. Analisemos o papel da escola no âmbito da cultura anterior e nos marcos da cultura de nossos dias. No passado, as famílias promoviam a “socialização” das crianças, dotando-as das condições mínimas de convivência social. À escola cabia o papel de “culturalizar”, enquanto a Igreja “moralizava” através dos dogmas de fé, dos princípios morais, etc. Estejamos conscientes de que esse mundo acabou. A sociedade passou a entregar tais tarefas à escola. E os educadores, por sua vez, acabaram por aceitar, após certa relutância, essa incumbência. É preciso inverter o atual pacto entre pais e escolas.

A escola tem ocupado uma posição submissa com respeito ao poder do Estado, da família, dos órgãos sociais, etc. Precisamos mostrar à sociedade que nós devemos orientá-la numa época em que os totens decaíram em tabus. Só depende do nosso trabalho, da melhoria de nossa autoconfiança, auto-estima, da paixão com que nos debruçamos sobre nossas tarefas sociais. As famílias estão fragmentadas e as pessoas não se encontram em casa. Diante de tudo isso, o desafio central das escolas, hoje, é *ter um texto que faça uma aposta*. Precisamos ter uma opinião sobre a vida, o desenvolvimento humano, como criar as crianças, como educar os jovens, orientar os pais, construir o Estado, qual o papel da empresa na sociedade, etc.

Algumas atitudes são fundamentais para reafirmar o papel da escola e rejeitar a tarefa de mera repetidora da ordens da sociedade, e aqui aparecem o texto e a aposta. A primeira atitude consiste em não nos desvalorizarmos como construtores de cultura social - não devemos aceitar a incumbência de reproduzir as práticas sociais nos filhos e netos. A segunda atitude é evitar, recusar a vitimação, como se fôssemos vítimas de um processo. Precisamos ter coragem para construir a cultura que será assimilada por uma sociedade que está ávida para ser orientada. É necessário restabelecer a “voz”, e aqui entra de novo a questão da “aposta”: temos que dizer à sociedade, através de nossas escolas, com que valores ela deverá se estruturar.

As apostas que considero fundamentais para que as escolas mostrem à sociedade com que tipo de cultura seus filhos serão educados são três. Em primeiro lugar, o *modelo de sala de aula*: é preciso mudar o modelo clássico de sala de aula. Um ponto de renovação será a adoção da idéia de empreendedorismo. O segundo ponto é a adequação ao modelo da *transdisciplina* (não se trata da multidisciplinar nem da interdisciplinar): o século XXI não conseguirá construir a sustentabilidade se as crianças não aprenderem a pensar de maneira complexa e sistêmica, transdisciplinarmente, incluindo a Filosofia, a Ciência, a Religião e a Arte. As escolas terão de saber dimensionar suas grades de disciplina. A terceira aposta é na *multimídia*: o desenvolvimento da capacidade de se comunicar em diversas mídias (não só a palavra, mas imagens, sínteses, a linguagem da internet, o empreendedorismo global) numa época em que a cultura está cada vez mais veloz.

Quanto às ferramentas educacionais, os professores terão como tarefa a recuperação do valor da atenção para a aprendizagem efetiva. Do ponto de vista das neurociências e da psicologia cognitiva, o

que a comunicação de massas fez com as crianças evidencia a necessidade de um novo sistema pedagógico e didático - segundo pesquisas neurológicas, elas perderam a capacidade de manter a atenção. Nesse universo de massificação, a destruição da intersubjetividade é um fato, e a escola deve ser provedora dessa dignidade, recuperando a intersubjetividade.